

“VIZINHOS E COMUNITÁRIOS” EXPERIÊNCIAS DE SOCIABILIDADE NUMA ORGANIZAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA DE BELÉM

Antonio Maurício Dias da Costa*



o interior do Bairro da Terra Firme, localizado na periferia da cidade de Belém (PA), as relações de sociabilidade produzidas pelos membros de uma organização popular (Associação de Moradores), são claramente expostas pelas suas práticas de lazer. Mais do que isto, é possível dizer que estas relações de sociabilidade vividas pelos habitantes das regiões periféricas da cidade de Belém são em grande parte definidas pelas suas atividades de lazer, especialmente pelos moradores de regiões de ocupação habitacional (moradores sem título de propriedade), como aqueles da “Área do Bosquinho” no bairro da Terra Firme.

Da mesma forma, ao longo da pesquisa realizada na Associação de Moradores Unidos na Luta¹ do referido bairro, as redes de vizinhança passaram a ocupar um importante papel na identidade e conformação dos membros daquela organização, transformando “vizinhos” em “comunitários”, unidades conceituais repletas de significados próprios àquele contexto.

A Associação de Moradores Unidos na Luta foi fundada em 1988 como uma espécie de extensão das atividades de um grupo religioso católico que atuava na igreja local, a Igreja “Santa Maria”. Na verdade, a associação de moradores já existia

sob a denominação descritiva de “comunidade Santa Maria”, no que se refere ao contingente de pessoas ligadas àquele grupo religioso. Mais tarde este grupo foi se consolidando paulatinamente através da atividade de “evangelização”, ou seja, de uma série de visitas realizadas às residências próximas à sede do grupo, marcadas pela leitura e discussão de passagens bíblicas, complementadas por reflexões acerca de seus problemas cotidianos.

Além disso, alguns dos componentes deste grupo eram provenientes de outra associação de moradores daquela área, o Centro Comunitário Universal, que de lá saíram em função de divergências internas. Surge então, a partir de 1988, uma nova entidade “comunitária” que pretendia representar os interesses dos moradores da Área do Bosquinho, no Bairro da Terra Firme, denominada de Associação de Moradores Unidos na Luta. A história da fundação da “Unidos na Luta” em muito apresenta um modelo exemplar da gestação de Organizações Populares na periferia de grandes cidades do Brasil. O que há de peculiar neste caso é que os discursos e articulações políticas empreendidas na construção dessas entidades é que em muito eles estão repletos de conteúdos de sociabilidade oriundos da rede de vizinhança local: valores, moral e táticas de “navegação” social.

Quando os fundadores da “Unidos na Luta” foram perguntados sobre qual a necessidade da fundação daquela entidade estes responderam que não poderiam legalmente reivindicar seus interesses nos órgãos públicos competentes, já que se constituíam numa “comunidade da Igreja”. Apresentava-se como prioridade, portanto, criar uma entidade autônoma e com força legal que pudesse representar seus interesses. O nome da entidade, por conseguinte, em muito esclarece os motivos geradores daquela associação, como enfatiza este entrevistado:

“Então surgiu uma equipe que começamos esse trabalho de evangelização (...). Então era só uma capelinha de madeira, discutia a possibilidade da gente fazer um trabalho, sempre se organizando, sempre fazendo reunião, conversando e o povo sempre levando pra frente, sempre tocando com o pensamento positivo, (...) todo mundo unido. E foi assim, e aí já foi aparecendo pessoas (...) ia aparecendo os padres, participando com a gente e aí eles percebendo o nosso trabalho, que é um trabalho organizado, sempre unido, sempre fomos unidos e se hoje nós temos isso por aqui, temos a igreja, temos ali a escola, tudo isso é fruto da nossa união, por que nós sempre trabalhamos, sempre a gente trabalhou sempre unidos.” (Carlos Silva, entrevista-do em set/1997)

Pode-se observar claramente neste discurso a ênfase que se dá à precedência do grupo religioso enquanto fonte de gestação da associação de moradores, o que lhe confere a característica peculiar da "união". A "evangelização" e a "conversa com o povo" se apresentam como práticas complementares que vão culminar na conformação de grupo de pessoas de concepção política e religiosa semelhantes, que se constituirão no núcleo-base da fundação da Unidos na Luta.

Mais do que isto, outros aspectos são importantes para compreendermos as motivações que conduziram à criação desta Associação de Moradores. Primeiramente, grande parte dos membros fundadores daquela associação eram ex-participantes de Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica², antes de se deslocarem para aquela área ocupada recentemente no Bairro da Terra Firme.

A ocupação iniciou-se em 1980, primeiramente numa região adjacente à Universidade Federal do Pará (UFPa), denominada então de Área do Bosquinho, em razão da grande quantidade de árvores existentes naquele terreno, assemelhando-o a um bosque. De 1980 a 82 ocorreram várias tentativas mal-sucedidas de desocupação daquela área, contando com a participação ativa da polícia militar: cada ação de desocupação era posteriormente assinalada pela volta dos ocupantes e pelo aumento do seu número. A insustentabilidade desta situação fez com que a UFPa concedesse àquelas pessoas, no início de 1982, a ocupação de uma área próxima à do Bosquinho que, por sua vez, herdou-lhe o nome inicial. A notícia de que havia terrenos disponíveis circulou então pela cidade e atraiu grande número de pessoas "sem-teto" para aquela região, que passou a fazer parte do Bairro da Terra Firme. Certa parcela destes novos moradores daquele bairro, por seu turno, já tinham experiência de participação em organizações populares, tais como Comunidades Eclesiais de Base e Centros Comunitários.

Este aspecto é ressaltado, uma vez que este modelo de "expansão evangelizadora" da Igreja Católica possuía como característica fundamental o aumento da participação dos leigos na condução das atividades da "comunidade eclesial". Este mode-

lo de "comunidades católicas", desenvolvido no Brasil durante os anos de 1970-80 terá como característica fundamental, além da participação do laicato, uma forte inclinação para a mobilização dos seus participantes para a ação social. Noutras palavras, a experiência obtida pelos membros fundadores da "Unidos na Luta" em Comunidades Eclesiais de Base, de certa forma, ensejava sua inclinação para o questionamento das problemáticas vividas naquela área de ocupação, especialmente, da inexistência de infra-estruturas urbana:

"(...) Tem o Centro Universal aqui na área. Então foi o Centro que sempre foi manipulado (...) eles não se dão bem com a gente como a Igreja, porque todos nós somos Igreja. Mas com alguns membros que participam da Igreja eles não se dão bem. No caso tem eu, a dona Zuleide e outras e outras pessoas. Por que? Por que nós seguimos um pouco o Evangelho. Nós anunciamos a Boa Nova, mas também denunciemos o tipo de escravidão, o tipo de exploração que aquele povo vem sendo enganado (...)" (Arnaldo Barroso, entrevistado em nov/97)

Através do relato deste membro fundador da Unidos e da Igreja Santa Maria pode-se perceber que as atividades daquele grupo religioso ensejavam uma conotação de questionamento dos problemas sócio-econômicos dos moradores daquela área. Além disso, apresenta-se claramente um discurso de oposição à atuação do Centro Universal, caracterizado como "manipulado", ou seja, conduzido pelos interesses particulares de políticos. Desse modo, de acordo com a fala de Arnaldo Barroso, de um lado está a Unidos na Luta como uma associação de moradores ligada à Igreja Católica e que denuncia a "exploração" social dos mais pobres e, do outro, o Centro Universal, marcado pela manipulação dos seus membros por parte dos seus dirigentes, que utilizam a entidade como instrumento para atender a seus interesses particulares.

MEMBROS-FUNDADORES DA UNIDOS NA LUTA

Dentre os participantes da Unidos na Luta destacam-se seus membros-fundado-

res, tidos com tal por fazerem parte do grupo inicial de evangelização e por possuir alguma experiência no tocante à participação em organizações populares ou em Comunidades Eclesiais de Base. Estes membros-fundadores serão apresentados de acordo com a ordem dos contatos estabelecidos durante a pesquisa de campo.

Principal interlocutora deste trabalho, Zuleide Gomes morava anteriormente no bairro do Jurunas e deslocou-se com sua família para a Área do Bosquinho com o objetivo de adquirir sua casa própria. No Bairro do Jurunas, ela participava de um centro comunitário local. Quando estabeleceu residência na Área do Bosquinho, Zuleide participou da criação de um grupo de evangelização, que mais tarde dará origem à Igreja Santa Maria e à Unidos na Luta. Durante a realização da pesquisa ela fazia parte da direção da Unidos na Luta, mas estava afastada das atividades da Igreja.

Por intermédio de Dona Zuleide, estabeleci contato com Carlos Silva, morador da primeira Área do Bosquinho (1980-82). Segundo ele, sua família morava naquela localidade mesmo antes de 1980, quando se iniciou o processo de ocupação. Com o remanejamento da ocupação e o consequente loteamento de terrenos às margens da Rodovia Perimetral, a sua família adquiriu um terreno naquela nova área, que segundo o informante se constituía numa localização "mais próxima da cidade". Carlos Silva participou do grupo de evangelização que deu origem à Igreja e à Unidos na Luta.

Posteriormente, manteve contato com Joana Araújo, professora do reforço escolar de ensino fundamental da Unidos na Luta. Ela é proveniente do interior do estado (Marapanim - Pa) e deslocou-se juntamente com sua família para aquela área com o intuito de obter uma casa própria. Desde sua chegada, Joana Araújo trabalhou durante sete anos na Pastoral da Criança, que era uma atividade desenvolvida pela Igreja Santa Maria. Depois disto, a mesma concluiu o curso médio de magistério, de modo que pôde se dedicar ao reforço escolar da Unidos. Além disso, Joana Araújo também participou da fundação do grupo de evangelização.

Outro interlocutor importante foi Do-

mingos Silva. Ex-seminarista, "Seu" Domingos abandonou a Igreja para casar-se e morar naquela região da Terra Firme. Quando do seu estabelecimento no "Bosquinho" ele estabeleceu relações com D. Zuleide, Seu Arnaldo, Seu Carlos, dentre outros vizinhos e passou a partilhar do sonho de construir uma associação de moradores. Atualmente, Domingos Silva foi eleito Presidente da Associação, além do que, durante a realização de atividades de lazer como festas, ruas de lazer, bingos, dentre outros, ele participa de sua organização bem como disponibiliza o uso de sua "aparelhagem"³ para a animação das festas.

Por fim, passei a fazer contato com Arnaldo Barroso. Também proveniente do município de Marapanim (Pa), Arnaldo Barroso não se dirigiu imediatamente para a Terra Firme quando veio para Belém. Ele primeiramente estabeleceu residência no Bairro da Pedreira, ficando na condição de agregado junto aos seus irmãos. Com o anúncio da ocupação daquela área, Arnaldo Barroso concretizou o seu desejo de possuir uma casa própria. Com o seu estabelecimento na Área do Bosquinho, ele participou da criação do grupo de evangelização já citado. Atualmente, Arnaldo Barroso dedica-se mais às atividades da Igreja, embora não descarte a ligação fundamental da Igreja com a Associação Unidos na Luta.

Pode-se concluir, portanto, que a experiência que estas pessoas tiveram na Igreja Católica, de acordo com o modelo de Comunidade Eclesial de Base e em outras organizações populares, os municiava de modo a proceder à criação de uma associação de moradores naquela área. Não que esta experiência seja suficiente para explicar a criação daquela associação, mas penso ser válido considerar a sua importância, uma vez que grande parte dos entrevistados referem o papel da Igreja e do grupo de Evangelização como fundamental para a fundação da Unidos.

Na verdade, segundo relatos obtidos em campo, a Unidos na Luta só seria fundada a partir do momento em que o grupo ligado à Comunidade Santa Maria viu sua participação limitada no Centro Universal. Segundo uma interlocutora, o estopim deste conflito se deu quando o "grupo da San-

ta Maria" defendeu a construção de uma escola primária em um terreno do Centro Universal. Esta proposição gerou grande polêmica e foi embargada indiretamente na eleição da nova diretoria do Centro, na qual concorria o grupo de pessoas ligadas à Igreja Santa Maria. A derrota considerada fraudulenta pelos membros daquele grupo impulsionou seu interesse em criar uma nova Associação de Moradores naquela área, que apresentaria como característica preponderante a "independência", frente aos interesses específicos de políticos que poderiam financiar as atividades daquela entidade.

Contudo, mesmo esta posição de "independência" política apresenta certa ambigüidade no que concerne à fundação da Unidos na Luta. Como referi anteriormente, o grupo fundador da associação de moradores estava ligado originalmente à Igreja Santa Maria e fazia suas reuniões em um barracão localizado no terreno onde hoje está construído o prédio da Igreja. Com a definição daquele grupo quanto à fundação de uma associação de moradores, iniciou-se uma campanha para angariar fundos de modo que se pudesse obter uma sede independente do espaço físico da Igreja. Apesar desta campanha, todavia, a sede foi obtida pela doação de um político ligado àquela área que estava se candidatando a deputado no ano de 1988. Em troca, este contaria com o apoio daquele grupo de pessoas na realização de sua campanha naquela área. Entretanto, pelo que pude inferir dos relatos obtidos em campo quanto a esta questão, este apoio político muito mais se apresentou como uma estratégia momentânea para a obtenção da sede da associação de moradores. Não se configuraria, portanto, como "manipulação" por parte do candidato, mas sim como o atendimento recíproco de interesses que não deveria se perpetuar na atuação política daquela entidade. Nesta fala pode-se perceber a lógica peculiar deste raciocínio:

"(...) Nós trabalhamos pra ele na campanha, que foi uma luta e ele não ganhou, isso faz uns oito anos, mas a gente sempre botou assim, o nosso esteio é mais pro lado da Igreja, a gente não se liga muito na política porque a partir do momento que a

gente bota a política num trabalho, se você não tiver um esteio bem equipado, você se perde: é melhor deixar a política à parte (...). Ele contribuiu com a gente mas não com um interesse (...)" (Joana Araújo, entrevistada em set/1997)

Deve-se entender nesta fala o termo "política" como o universo de disputa eleitoral onde está inserido o candidato em questão. Desta "política", a associação deveria estar afastada a partir de então, quer pela ligação com a neutralidade da Igreja, quer pela defesa dos interesses legítimos dos moradores daquela área.

Surge então a Associação de Moradores Unidos na Luta, intimamente ligada à Igreja Santa Maria. Apesar de ser claramente perceptível a especificidade da atuação de cada uma destas entidades naquela área, delineia-se um certo amalgamento das suas ações, especialmente no caso da Unidos na Luta, no qual os seus membros normalmente compõem simultaneamente duas ou três destas entidades, apesar de existirem algumas exceções. Considerando isto, apresenta-se a estrutura de funcionamento da Unidos da seguinte forma: 1) Comissão diretora (presidente, vice-presidente, tesoureiros, secretárias, departamento feminino, de cultura, de relações públicas e conselho fiscal); 2) Grupo de jovens; 3) Ateliê de costura; 4) Setor de acompanhamento familiar; 5) Reforço escolar de ensino fundamental e 6) Centro de Formação Profissional.

FORMAS DE SOCIABILIDADE ENTRE A RUA E A UNIDOS NA LUTA

À medida em que fui aprofundando a pesquisa de campo que resultou neste relato, minhas impressões acerca da totalidade do cenário em torno da Unidos na Luta foram se tornando mais bem definidas. Assim, nas primeiras visitas somente me dedicava a conversar com os participantes da Unidos na Luta. Com o aprofundamento da pesquisa de campo, passei a dar maior atenção a acontecimentos secundários, que em muito explicavam o modelo de sociabilidade desenvolvido

pelos moradores do Bosquinho. Vejamos, portanto, que não se trata aqui de um estudo minucioso desta questão, uma vez que o locus fundamental deste estudo foi a Associação de Moradores, mas considero importante fazer referências ao contexto em que está inserida a Unidos na Luta.

De qualquer forma, apesar destas inferências se apresentarem somente numa perspectiva descritiva, as "pistas" que elas fornecem indicam a urdidura de uma modalidade específica da cultura popular. As práticas culturais destes atores sociais estão segregadas num certo universo material que conforma o desenvolvimento de certos padrões de sociabilidade. Padrões de sociabilidade correspondem a determinados códigos apropriados pelos sujeitos em determinados universos sócio-culturais, que viabilizam o seu trânsito nestes universos.

A título de exemplo, alguns destes padrões de sociabilidade detectados em campo estão conjugados com as práticas de lazer promovidas pela Unidos na Luta ou espontaneamente pelos moradores das proximidades da Associação, envolvendo questões como competição e o respeito à territorialidade.

Este modelo de sociabilidade relacionado ao lazer apresenta-se como grandemente recorrente, constituindo-se em verdadeiro código de acesso à prática de atividades de lazer naquela localidade. No primeiro caso, existe entre os participantes de qualquer atividade de lazer naquela área um sentido de valorização da competição, da contenda indireta, como motivação maior para a participação naquelas atividades. No segundo caso, o respeito pela territorialidade pode ser muito facilmente encontrado nestas competições, principalmente a partir de dois aspectos: 1) o competidor é reconhecido pela rua em que mora e 2) estabelece-se como regra implícita que o vencedor das competições esteja sempre nos limites do "seu território".

Para os moradores do Bosquinho, a rua constitui-se no principal espaço de sociabilidade. Além disso, torna-se muitas vezes tênue a delimitação existente entre rua e casa, dependendo do grau de relação existente entre os moradores. É na rua que se fazem as festas de confraternização, as

ruas de lazer, as disputas esportivas, as conversas entre vizinhos, momento em que as cadeiras são colocadas à frente das casas, bem como as brigas de gangues à noite. Mais ainda, a rede de relações de vizinhança é muito importante neste contexto, muitas vezes substituindo a própria rede de parentesco, uma vez que os parentes, na maior parte dos casos, permaneceram no lugar de origem de onde vieram os atuais moradores daquela área. A rede de vizinhança torna-se um pólo aglutinador de sociabilidade, contribuindo para que os "novos moradores", que continuam se dirigindo para aquela região ano após ano⁴, quando provenientes do interior do estado, possam integrar-se na vida urbana, dar-se conta dos lugares e horários permitidos ou proibidos no Bosquinho, por conta da violência e da criminalidade. Além disso, festividades locais como ruas de lazer também são momentos importantes de integração dos novos moradores, a partir do que os contatos se aprofundam e se estabelecem laços pautados em trocas de favores e na amizade.

Acredito que por conta disto, vez ou outra alguns integrantes da associação entrevistados por mim afirmaram que haviam ingressado naquela entidade a partir do estímulo produzido por vizinhos participantes, ou seja, por conta da relação prévia estabelecida pelo fato de morar próximos um do outro.

A RUA E A UNIDOS NA LUTA

Todavia, não se deve tomar unicamente o espaço da Unidos na Luta como palco privilegiado de construção de uma sociabilidade específica. Fato marcante era a ocorrência nas ruas próximas à associação, durante sucessivas noites, reuniões de vizinhos (geralmente homens) que após o trabalho diário se agrupavam para jogar dominó em frente as suas casas. As disputas, geralmente, iniciavam-se entre às oito da noite e só viriam a terminar quase à meia noite. Contudo, este entretenimento era mais praticado próximo aos finais ou mesmo nos finais de semana, quando a carga de trabalho diário diminui.

Mesmo durante a noite a rua continuava sendo um palco privilegiado de sociabili-

dade. Mas, neste horário, são as gangues juvenis que travam relações entre si. Em geral, as casas são fechadas entre nove e dez horas da noite, o que é facilmente perceptível, pois a proximidade das mesmas em relação à rua permite ao transeunte facilmente observar o seu interior. Mesmo na casa em que fiquei alojado durante minha estada em campo era possível observar os demais compartimentos da casa vizinha através da janela lateral.

Nos finais de semana, contudo, as casas são fechadas mais tarde, os bares ficam repletos de fregueses e as "sedes" realizam festas dançantes ao som das aparelhagens. Normalmente é festivo o final de semana naquela área. É quando os moradores do Bosquinho freqüentam suas igrejas e/ou templos religiosos, quando um maior número de crianças transformam a rua num espaço de lazer e jovens e adultos ocupam os cinco campos de futebol preparados à margem do muro da Companhia Eletronorte⁵. As pessoas mais velhas sentam-se à frente de suas casas de modo a observar a movimentação da rua e a conversar com os vizinhos.

Por sua vez, para os integrantes da associação, a sede da Unidos na Luta é comumente considerada como um espaço importante de sociabilidade. Diariamente é comum observar-se, indiscriminadamente, a entrada e saída de moradores da sede daquela entidade. Apesar das grades existentes nas portas e janelas, existe um outro tipo de controle da entrada de pessoas naquele prédio, pautado basicamente no grau de relação com os membros da Unidos. Muitas vezes os termos "amigo", "vizinho" e "conhecido" definem a proximidade entre aquelas pessoas e garantem o acesso àquele espaço. Quando da realização de festas organizadas por aquela associação, a separação entre os espaços da sede e da rua torna-se quase nula. Durante a realização de uma rua de lazer da qual participei, percebi que a sede da Unidos na Luta tornou-se como que uma extensão da rua de lazer, tanto no que concerne à realização de atividades de lazer, quanto ao trânsito de pessoas. Além disso, é comum permitir-se a realização, na sede da Unidos, de festas particulares de vizinhos, como aniversários, confraternizações de fim-de-ano e etc.

OS INTEGRANTES DA UNIDOS NA LUTA

Tratando mais especificamente dos integrantes da Unidos na Luta, estes não se restringem ao cômputo dos moradores das ruas mais próximas. Na verdade, várias vezes as pessoas entrevistadas se referiam à existência de uma suposta área de atuação da Unidos na Luta. Contudo, os próprios membros daquela entidade afirmavam que esta "área" se resumia meramente ao alcance que suas atividades assistenciais⁶ possuem, com base naquela associação de moradores.

A partir disto comecei a observar que a área da Unidos na Luta pode representar um certo espaço *imaginário* que é ocupado por aqueles que fazem parte, e que se vêem como fazendo parte daquela associação de moradores. Assim, num sentido amplo pode-se tomar como participantes daquela entidade não somente as pessoas que moram nos arredores daquela ocupação, mas também pessoas que habitam outros bairros da cidade e que lá desenvolvem atividades profissionais, como técnicos da Prefeitura Municipal ou membros de ONGs. Contudo, é importante frisar que apesar da localização geográfica dos componentes possuir uma certa irregularidade do ponto de vista da sede da Unidos, o espaço que está em torno daquela associação delimita um certo alcance das relações sociais que define uma territorialidade entre os atores sociais considerados como seus participantes.

O conceito de território é um dos objetos clássicos de estudo da Geografia, no sentido de procurar compreender as relações do homem e do poder sobre o espaço. Neste texto o termo espaço é concebido na perspectiva clássica da Geografia enquanto expressão da transformação de uma primeira natureza a partir do desenvolvimento histórico das relações de produção sociais. O conceito de espaço também é aqui aplicado na perspectiva de sua determinação pelos valores (formas de percepção) que os sujeitos atribuem ao espaço (Evans-Pritchard, 1978). Talvez isto tenha relação com o fato do conceito de território poder estar impregnado de um certo sentido cultural, como podemos observar nesta passagem de Gervásio Neves:

"O exercício do poder se faz sobre o conteúdo do espaço, transformando em territórios, não só pelas forças econômicas mas também pelas raízes culturais, onde as imagens e os mitos não podem ser negligenciados. A força do imaginário é a única soldadura dos fragmentos dos territórios" (1994, p.272).

Conclui-se, portanto, que a territorialidade da Unidos na Luta, que corresponde ao espaço de poder e ação daquela entidade e de seus membros, está delineada de forma que pode ser reconhecida a partir da identificação de *raízes culturais* comuns, identificáveis pela proximidade dos modos de vida, mas também por outros elementos, como destaca Maria Lúcia Montes:

"Formas de percepção do espaço são, pois, relativas, correspondendo a modos diferenciais de sua apropriação. É a prática social de seus habitantes que confere ao espaço urbano sentido e significação. Na urdidura física do espaço da cidade (...) na verdade se entrelaça outra trama, tecida com os mais variados laços sociais - *relações de parentesco e vizinhança*, práticas comuns de trabalho, vínculos religiosos, lealdades políticas, hábitos compartilhados de lazer - para compor as extensas redes de sociabilidade que constituem, propriamente, a vida social" (1996, p.304-305). (grifo nosso).

Nesta citação percebe-se que a questão do exercício do poder sobre o espaço, ou seja, o território, pode estar constituído de toda uma significação cultural definida pelo modo de vida dos atores sociais que constroem o espaço, e mais especificamente, pela sua forma de sociabilidade. O espaço aqui seria o *lugar*, de acordo com o sentido que é conferido a este termo por Marc Augé (1994), ou seja, o espaço da afetividade, da personalidade, do contato, o qual, por sua vez, opõe-se ao *não lugar*, o espaço da impessoalidade com o qual não se estabelece laços de afetividade. A relação do indivíduo com o *não-lugar* é medida por símbolos do que o autor chama de "supermodernidade", como cartões de crédito, cartão telefônico, documentos, bilhe-

tes de passagem e etc.

Neste sentido, o espaço de atuação da Unidos na Luta no Bosquinho é um *lugar*, composto de uma rede de relações sociais pautada num modelo específico, como por exemplo: identidade religiosa, proximidade de residências, pertencimento a determinadas organizações (como a Unidos na Luta), intermediação de pessoas conhecidas, grupos etários, co-participação em atividades de lazer, dentre outros.

Em outras palavras, o território de ação que os atores sociais denominam como "área da Unidos na Luta" não compreende meramente a área correspondente à sede daquela entidade ou às suas casas, mas a todo espaço que é não somente objeto da ação material destes agentes, mas também meio de identificação e reconhecimento social: espaço imaginário soldado por imagens culturais.

O problema de definir quais seriam os participantes da Unidos na Luta se tornou mais agudo na medida em que procurei levar a cabo esta empresa através de um levantamento quantitativo, que por várias vezes mostrou-se ineficaz. Mesmo que eu fizesse este tipo de consulta a todas as ruas às quais foi referida a abrangência da Unidos, não seriam obtidos dados precisos, uma vez que a condição de morador de uma determinada área não induz à classificação como participante de uma associação de moradores. Mais ainda, a abrangência de outras associações de moradores próximas das mesmas ruas tornaria imprecisa qualquer definição sobre a participação em uma ou outra entidade. Por fim, esta definição tornou-se mais incoerente para mim quando me foi relatado que pessoas que daquela área haviam se mudado ainda eram considerados membros da Unidos.

Com o tempo, concluí que o critério de *participação-ação* seria mais eficaz no que concerne à definição de quais seriam os integrantes da Unidos na Luta. Cheguei a esta conclusão após ouvir continuamente o emprego do termo "*comunitário*" para definir os participantes da Unidos. Este termo, por sua vez, não teria exatamente uma ligação direta com o conceito sociológico de *comunidade*, que é definido em oposição à idéia de sociedade. Assim, comunidade seria o lugar da vida comum, da proximidade das relações em detrimento

de outros núcleos mais distantes, do sentimento de pertencimento (calcado na afetividade e/ou na tradição) bem como da interdependência direta de seus integrantes para a satisfação, pelo menos parcial, das suas necessidades fundamentais. Por outro lado, sociedade designa um grupo mais amplo cuja urdidura é marcada pelo consenso (união de interesses racionalmente motivados), onde as relações são mais distantes e impessoais (Tönnies, 1972).

Diferentemente do conceito clássico de comunidade, os "comunitários" da Unidos na Luta seriam caracterizados por critérios de *participação-ação*: frequência a reuniões, participação em atividades várias como cursos ou organização destas mesmas atividades, ou qualquer tipo de envolvimento com o cotidiano daquela entidade⁷. Percebi que estes critérios eram muito mais definidores da identidade dos membros da Unidos do que os cadastros de "sócios" daquela entidade, sobre os quais me foi informado que o número de participantes não cadastrados superava em muito o seu cômputo.

Em geral, os participantes da Unidos são provenientes de outros bairros da cidade, de outras cidades do interior do Estado ou mesmo de outros estados. Dentre as pessoas entrevistadas vários lugares de origem foram referidos, como municípios do interior do estado (Tomé Açu, Abaetetuba, Marapanim), outros Estados (Maranhão, Ceará) e outros bairros da cidade (Cremação, Guamá, Jurunas, Benguí).

São consideradas como membros da Unidos pessoas das mais diferentes faixas etárias: desde as crianças do reforço escolar até as senhoras que trabalham no ateliê de costura. A maioria destes participantes são vizinhos e amigos. Apesar disso, a Unidos não é somente uma associação de amigos, possuindo um significado mais profundo para seus participantes. Para as crianças do reforço escolar ela é tida como uma escola e, nos momentos de lazer, ela pode deixar de ser uma escola e passar a significar um espaço de lazer. Para os componentes do grupo de jovens, a Unidos pode ser tomada como um espaço de socialização com os outros jovens inseridos no universo de sua faixa etária. Para as senhoras do ateliê de costura a Unidos pode

ser vista como um lugar de trabalho. Para as pessoas que vão procurar o atendimento do plantão de saúde e acompanhamento familiar a Unidos pode ser vista como uma fonte de assistência. Enfim, várias podem ser as percepções dos mais diferentes sujeitos sobre o significado da Unidos, o que demonstra que o significado mais amplo daquela entidade para seus integrantes é um resultado da percepção/ação dos atores num campo onde os seus papéis apresentam uma definição prévia.

Por fim, pode-se constatar que, ao deixar de ser meramente uma forma de abrigar-se e de repousar depois dos dias de trabalho (ou de lazer), o ato de morar imprime algumas qualidades aos indivíduos, marcadas pela espontaneidade e/ou por uma articulação prévia. Morar significa criar laços e corresponder a obrigações, a trocas, enfim, como constructo cultural que varia desde a edificação da moradia, ao seu embelezamento até à elaboração da vida em comum com os vizinhos, que por seu turno, necessita construir estratégias para lidar com a vida urbana.

* *Antonio Maurício Dias da Costa é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.*

NOTAS

1. O presente artigo constitui um excerto de minha dissertação de mestrado intitulada "Lazer e Modo de Vida: um estudo da sociabilidade de integrantes de uma Associação de Moradores", defendida na Universidade Federal do Pará em 1999.
2. Thomas Skidmore (1994: 358-9) fala sobre o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, durante a década de 1970, como uma estratégia de expansão da Igreja Católica frente à disseminação do protestantismo, do espiritismo e dos cultos afro-brasileiros: "A segunda mudança interna na Igreja foi o rápido crescimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estas são constituídas por células de estudos leigos cuja criação foi encorajada pela hierarquia eclesial a partir dos anos 60. Não têm estrutura definida. O agente pastoral, ou organizador, é usualmente um padre ou uma freira. As comunidades se compõem em média de 15-25 pessoas, embora seu número possa chegar a 100-200 na zona rural. Começaram como grupos de estudo da Bíblia, com reuniões semanais. Uma das razões da hierarquia para o lançamento das CEBs foi a desesperada escassez de padres seculares e religiosos. Operam por conta própria, aumentando assim a participação dos leigos sem requerer a presença adicional de membros do clero."

3. Aparelhagens são equipamentos de som de altíssima potência utilizados para animar festas na periferia de Belém. Em geral, os donos de aparelhagens podem ser caracterizados como micro-empresários, já que o controle do aparelho e a utilização de seu acervo musical particular durante festas particulares em Sedes de Festas em bairros periféricos são regidas por meio de contratos que assinalam boa remuneração. Contudo, pode-se destacar dois tipos de aparelhagens: as grandes, cujo valor de contrato, realizado com Sedes de Festa famosas, é alto e equivalente à sua potência e sua fama e as pequenas (como a de "Seu" Domingos), que normalmente animam eventos de pequena envergadura e têm pouca difusão entre freqüentadores de Sedes de Festa.

4. Muitos foram os casos em que pessoas entrevistadas tinham pouco a falar sobre a história da ocupação do Bosquinho pelo fato de se tratar de pessoas recém-chegadas àquela área.

5. Companhia estatal de energia elétrica adjacente ao Bosquinho.

6. Distribuição de bolsa-escola (fornecida pela Prefeitura Municipal, correspondente a um salário mínimo mensal se a família garantir a permanência de seu(s) filho(s) na escola), acompanhamento familiar (realizado em parceria com uma ONG), "plantão" de saúde (atendimento médico feito durante o dia e financiado por uma ONG), além das famílias atendidas pelo reforço escolar de ensino fundamental.

7. Eu mesmo passei, em alguns momentos, a ser considerado como "amigo da comunidade", referência que algumas pessoas me dirigiam quando me apresentavam a pessoas que eu não conhecia na "comunidade".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc
(1994) *Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papius.
- COSTA, Antonio Maurício Dias da
(1999) *Lazer e Modo de Vida: um estudo da sociabilidade de integrantes de uma associação de moradores*. Belém, UFPa (mimeo).
- EVANS-PRITCHARD, E. E.
(1978) *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo, Perspectiva.
- MONTES, Maria Lúcia
(1996) "Posfácio" In: MAGNANI, José Guilherme. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp.
- NEVES, Gervásio
(1994) "Territorialidade, desterritorialidade, novas territorialidades (algumas notas)" In: SANTOS, Milton e SOUZA, Ma. Adélia de. (orgs). *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo, Hucitec/ANPUR. (pp. 270-282)
- TÖNNIES, Ferdinand
(1972) "Comunidade e Sociedade como entidades típico-ideais", In: FERNANDES, Florestan. *Comunidade e Sociedade*. São Paulo, Nacional.